A Lenda da Cobra-Preta

Marcos Aurélio 2022

A LENDA DA COBRA-PRETA

O sertão do meu Nordeste
Tem histórias assombrosas
De fome, seca e de peste
De espinhos e de rosas
História de homem guerreiro
Que trabalha o dia inteiro
E nas noites calorosas.

Vou contar uma história
E é um fato verdadeiro
Que tenho em minha memória
De meus tempos de terreiro
Sentado ao redor da fogueira
Comendo batata e macaxeira
Sem precisar de candieiro

Naqueles anos pra trás
A mulher era inocente
Namorava com um rapaz
Trabalhador e valente
Não queria ficar só
Pois ficar no caritó
Não era conveniente.

Minha vó me contava
Quando conheceu meu avô
Morou numa casa de taipa
Logo depois que casou
Lavar roupa e cozinhar
Ter uma casa pra cuidar
Foi o que mais lhe agradou

Vovó fiava algodão
Vovô roçava vazante
Era a vida dos dois
Em trabalho constante
Rezando no claro da luz
Sempre temente a Jesus
Amando seus semelhantes.

Desse modo passou uns tempos
E logo no ano seguinte
Era mês de novembro
Final da década de vinte
Vovó já estava de estado
Com o bucho espichado
Porém com todo requinte

Mas durante a gravidez
Muita coisa lhe assustava
Ao passar cada mês
O perigo se aproximava
Pois o parto era arriscado
Se tinha um medo danado
Pois a morte lhe rondava

Esse era um período
De muita amargura
Acreditava que engravidando
Se abria a sepultura
E só acabava esse fardo
No final do resguardo
Eita, que vida dura.

Mulher morria de parto
Desfalecia na cama
Deixava os filhos sem mãe
E viúvo quem ama
É triste quem conte
Mulher morria aos montes
Que nem carrapato na lama.

Morando em um quixó
No sertão nordestino
Na casa de minha avó
Todo ano era um menino
Evitar não tinha jeito
Era um na barriga outro no peito
Como Deus fosse servindo

Com tanto menino na casa
Tinha muita precisão
Era um peixinho na brasa
Com caldinho de feijão
Aumentava o pouco que tinha
Colocando mais farinha
Essa era a solução

Mesmo faltando muito,
Se agradecia o que tinha
Uma quartinha de banha
Uns ovinhos de galinha
Um saco de feijão
E dentro do caixão,
Tinha goma e farinha.

Foi em um inverno frio
O ano era 33
Minha vó teve uma menina
No finalzinho do mês
Era forte a bruguela
Bem branquinha e tão bela
Seu nome: Maria Inês.

Depois de 5 rapaz
Apareceu uma moça
Pra ajudar sua mãe
Limpar a casa, lavar a louça
Arrumar o borralho
Esse era o trabalho
Que exigia muita força

E depois de tanta luta
Com sua cria em uma saleta
Tinha uma coisa a preocupar
Além da criança e a teta
Não era apenas um sonho
Se tinha um medo medonho
Da perigosa cobra-preta

Essa cobra era temida
Por toda mulher com criança
Se ouvia falar nela
Por todas nossas andanças
De seu ato de deleite
Ficava tomando leite
E enchendo sua pança

Na calada da noite
É que tudo acontecia
A cobra se aproximava
Enquanto a mulher dormia
Tomava o lugar da criança
Pegava o peito e a confiança
Era o que ela fazia.

Pra criança não chorar
A cobra sabia o que fazer
Colocava a ponta do rabo
Na boquinha do bebê
E ele ficava chupando
Pensando estar mamando
Feliz a adormecer.

Enquanto a cobra mamava
A criança não botava banca
A mulher adormecida
E a cobra ficando branca
Quando estava toda nessa cor
Se tinha uma cena de horror
São duas vidas que desbanca

Essa fama foi tão longe
Das terras da praia e serrana
Prejudicou outras cobras
Como papaova e caninana
Mesmo estando em valeta
Só por ter a cor preta
Era chamada tirana

E o triste fim dessa cobra
E que ela não mereça
É morrer com uma paulada
Bem no meio da cabeça
Só por ser parecida
Com aquela desmedida
Que quer que desapareça.

E na casa de vovó
A coisa não foi diferente
Se sabia que a cobra-preta
Era muito persistente
E o cuidado era total
Pois ela que fazia o mal
Podia fazer mal a gente

Quando a noite caía
Continuava sua sina
No frechal da casa
No claro da lamparina
Em meio as varetas
Se escondia a cobra-preta
Esperando dormir a menina.

Quando o silêncio reinava
É que a cobra descia
Por uma forquilha da casa
Barulho não fazia
Com todo cuidado e jeito
Só para pegar no peito
Enquanto a criança dormia

Vovó muito cansada
Na rede cochilou
Maria Inês já dormia
Mas o peito não soltou
E a cobra sorrateira
Desceu muito ligeira
Quando um ronco escutou.

Deslizou pela parede
Seu corpo furtando cor
Se emaranhou pela rede
E a ponta do rabo colocou
Na boca da criança
Tomando-lhe a confiança
E no peito ela mamou

Porém naquele momento
Entrou na sala meu avô
Vendo o que acontecia
Um grito ele soltou
Minha avó assustada
Jogou a cobra danada
E para a alcova entrou

Meu avô muito ligeiro
Agiu sem mesmo pensar
Pegou atrás da porta
Um cacete de jucá
E a maldita cobra-preta
Sem ter onde se meta
Não viveu pra escapar

Já vi muita mulher
Que por cobra foi mamada
Secar o leite do peito
E ficar desanimada
Com aquilo na mente
Sem ter como alimente
Sua cria desmamada

De histórias como essa,
O sertão tem de sobra
Mulher não dormia à noite
Só com medo de cobra
Pois quem amamentava
Sabia que ela usava
Todo tipo de manobra.

E assim foi a história
Da cobra-preta verdadeira
Sua raça ainda é viva
E é muito sorrateira
Se esconde muito bem
Na vargem e sertão também
Em oco de catingueira

GLOSSÁRIO

Candieiro – Utensílio portátil que por conter líquido inflamável e pavio é usado para iluminar.
Caritó – Peça feita de cipó ou madeira e colocado em cantos dos cômodos da casa onde comummente se põe objetos que estão em desuso.
Estava De Estado – O mesmo que estava grávida.
Espichado – Sinônimo de Esticado; rígido.
Quixó – Armadilha para pegar animais. Diz-se da casa que está muito deteriorada.
Bruguela – Criança pequena.
Borralho – Local onde se faz o fogo para cozinhar; Fogão à lenha.

Papaova e Caninana – Espécies de cobra de cor preta e não venenosas.
Frechal – Parte superior das paredes de uma casa de taipa.
Lamparina – O mesmo que candieiro.
Jucá – Árvore de madeira pesada e resistente.
Catingueira – Árvore muito comum nas caatingas que apresentam o tronco oco onde servem de abrigo para muitos animais.

UMA INICIATIVA DE:

MARCOS AURÉLIO

BAÚ DAS RELÍQUIAS BC

APOIO:

GOVERNO MUNICIPAL DE
BELA CRUZ
CONSTRUINDO UMA NOVA HISTÓRIA

SECULTBC
Secretaria da Cultura de Bela Cruz
Valorizando nossa história.